





## **BE MY QUARANTINE: MAPEAR TEMPOS E ESPAÇOS DE ISOLAMENTO**

*Loneliness is personal,  
and it is also political.  
Loneliness is collective; it is a city.*

Olivia Laing  
in *The Lonely City: Adventures in the Art of Being Alone*

No dia 18 de março de 2020, o Presidente da República de Portugal decretou o primeiro estado de emergência devido à propagação acelerada da COVID-19. Este cenário, comum a vários países do mundo, forçou uma grande parte da população mundial a entrar em quarentena, permanecendo em casa, isolada, de modo a controlar a disseminação do vírus.

Como forma de fomentar o debate sobre o momento crítico que vivemos, nomeadamente sobre um conjunto de questões relativas ao distanciamento humano e espacial, no início de abril de 2020, os Space Transcribers lançaram uma open call que instou interessados de múltiplas áreas disciplinares a documentar, arquivar, e representar criticamente assuntos sobre os tempos e espaços de isolamento. Os participantes foram convidados a mapear narrativas, com base nas suas experiências pessoais, rotinas diárias, silêncios, medos e esperanças, enquanto resposta às seguintes questões:

Quais são os novos padrões de comportamento social e ocupação espacial em estado de isolamento? O que significa o conceito de coletividade quando a presença física é limitada?

Quais as novas relações entre espaços públicos e privados? Quais são as novas fronteiras? Quais as diferentes escalas de intimidade e partilha no espaço doméstico? Como reage o espaço mental num estado de confinamento físico? O que significa, neste contexto, o “global” e o “local”? Como é que, perante novos desafios sociais e físicos, poderemos representar o espaço privado e o tempo em isolamento?

A exposição *Be my Quarantine: Mapear tempos e espaços de isolamento*, reúne 30 propostas multidisciplinares em diferentes formatos – vídeo, dança, artefactos, fotografia, entre outros – como resposta às questões enunciadas. As propostas aqui apresentadas representam os períodos de confinamento de 41 participantes isolados em diferentes pontos geográficos do globo, que, apesar de distantes, partilham diálogos comuns. A exposição estrutura e organiza as propostas em cinco áreas temáticas que espelham diversos modos de viver e sentir o isolamento.

**Viver em conjunto** reúne trabalhos que refletem situações de partilha e intimidade, onde os participantes se viram obrigados a viver coletivamente e isolados num mesmo espaço partilhado, por imposição do confinamento.

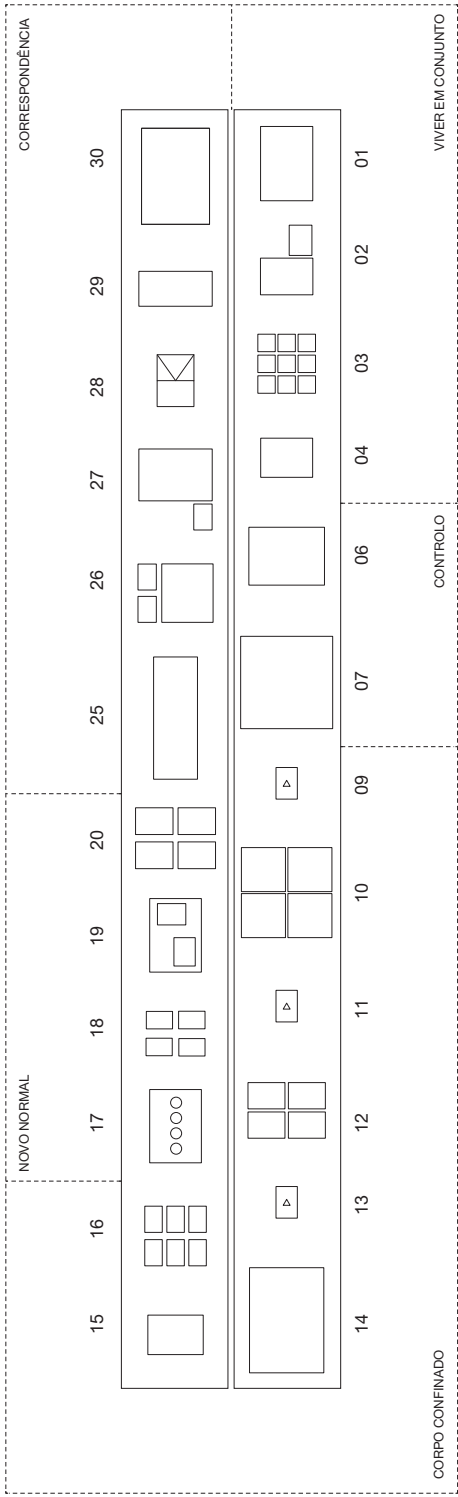
**Controlo** junta propostas baseadas em atos referenciais, colocando a nova realidade, com referências teóricas ou poéticas, em fricção com narrativas ficcionais, que falam sobre a perda de liberdade, e debatem questões de vigia e controlo.

**Corpo confinado** agrupa propostas que exploram a (in)consciência do corpo fechado, estrangulado e limitado no espaço doméstico, que se move e adapta à sua condição de confinamento.

**Novo normal** conecta trabalhos que propõem novos significados sobre o tempo e o espaço que os rodeia, devido às mudanças que a quarentena impôs. Estas propostas representam uma nova consciencialização sobre os pequenos detalhes do dia a dia que, até à quarentena, eram impercetíveis, propondo novas formas de usar o espaço e o tempo.

**Correspondência** reflete práticas performativas e atos de correspondência, através da troca de mensagens e códigos, entre pessoas isoladas em dois pontos geográficos distintos.

Daniel Duarte Pereira  
Fernando P. Ferreira



CORRESPONDÊNCIA

NOVO NORMAL

CORPO CONFINADO

CONTROLE

VIVEREM CONJUNTO



PROJEÇÃO VÍDEO

- 05
- 08
- 21
- 22
- 23
- 24

30

29

28

27

26

25

20

19

18

17

16

15

01

02

03

04

06

07

09

10

11

12

13

14

## A JANELA DA COZINHA EM TEMPOS DE PANDEMIA

A janela da cozinha é alvo de observação e registo há vários anos. Começou por surgir numa série fotográfica analógica, em 2016, que partia da vontade de registar as mudanças que iam ocorrendo, ao longo do tempo, no peitoril da janela. Como se de uma natureza-morta se tratasse, elementos como fruta, flores, porcelanas ou utensílios de cozinha iam aparecendo em cena, sempre evidenciados pela luz exterior, sem que nada fosse montado ou implantado propositadamente para o registo.

Por força da pandemia, provocada pela COVID-19, surgiu a primeira fotografia digital desta série em constante construção, evidência de um novo quotidiano refletido em novos objetos pousados no peitoril da janela.

Em pleno estado de confinamento, a presença dos residentes da casa intensificou-se no espaço da cozinha, aumentando a observação desta janela e tornando-a mais intensa e obsessiva. Os elementos à janela iam sendo reposicionados e alterados com mais frequência através de atos espontâneos de aborrecimento ou organização. Até mesmo o crescimento indevido de algumas plantas e ervas, que eram prova viva de que a vida continuava a acontecer, forçavam essa reorganização.

Rapidamente a fotografia deixou de ser capaz de acompanhar as alterações que estavam a acontecer. Estas tornaram-se mais frequentes e mais subtis, e, como tal, o desenho passou a ser o meio mais adequado para o registo seletivo e minucioso que se pretendia no momento.

Esta experiência de observação e registo foi sintetizada na peça translúcida em exposição, onde se sobrepõem, em camadas de acrílico serigrafadas, as distintas representações temporais da ocupação do peitoril desta janela. A sobreposição de desenhos e de tempos permitiu uma dinâmica condensada, que simultaneamente reproduz a inatividade de uma natureza-morta e, por outro lado, representa a energia e a persistência que encontramos numa sequência de imagens de um vídeo.

Barcelos, Portugal | Desenho

## A NOSSA MESA, O NOSSO ANTICORPO

Suavemente tocando o céu da boca, um pedaço fresco, um efeito curativo, fluindo.  
Uma benevolência vinda do interior, uma proteção para o exterior.

*Uma receita vencedora.*

Diferentes formas por dia, tecendo o centro.  
Diferentes rumos, tornando-se uno.

As migalhas são vestígios de momentos juntos.  
Tu ao meu lado, eu ao lado dela, ela ao lado dele...

*Um bocadinho, por favor.*  
Saboreando, um jardim crescendo no interior.

O mapa intuitivo *A nossa mesa, o nosso anticorpo* reflete os efeitos da quarentena causada pela COVID-19, durante a primavera de 2020, em Stiegengasse, Viena, Áustria. Aqui, num ninho do céu, cinco pessoas, que mal se conheciam, deram por si a viver juntas à medida que a pandemia foi avançando. O mapa é uma tentativa de juntar diferentes dimensões, ritmos, energias e espaços desta crise. Aquilo que nos manteve sãos, aquilo que nos manteve saudáveis, foi a nossa mesa de cozinha. Uniu-nos e manteve-nos juntos. Era a nossa zona comum. Aqui nos juntámos, escutámos, falámos, informámos, rimos, chorámos, discutimos, acarinhámos e crescemos. Tornou-se o nosso anticorpo.

Viena, Áustria | Fotografia. Mapa



## BEL-AIR VILLE

O apartamento tornou-se a cidade. Os corredores agora são ruas e os quartos são edifícios. Os colegas de casa subitamente representam os cidadãos e toda a sociedade. O teletrabalho molda a rotina desta nova cidade; vence o tempo das novas atividades públicas e privadas. O espaço e as funções confundem-se neste conceito temporal estranho. Enquanto a vocação mais privada do lar é preservada, os nossos cinco quartos são constantemente transformados em escritórios, sem qualquer limitação.

A sala de estar acolhe literalmente os momentos de vida da cidade. É agora a praça – a *piazza* – onde as pessoas se encontram, juntam e aceitam entrar numa outra esfera comunitária. As paredes da divisão começam inesperadamente a acolher diferentes níveis de coletividade e atuam como um condensador de funções sociais e urbanas, questionando a essência dos espaços cívicos, divididos entre a peculiaridade da morfologia da cidade e do sentido de comunidade.

Batizado com o nome da torre mais metropolitana de Lausanne, na Suíça, a qual pode ser admirada pelos habitantes a partir das suas janelas com vista para a *piazza*, o Bel-Air Ville é um apartamento capaz de oferecer diferentes configurações, graças à flexibilidade das suas peças “urbanas” de mobiliário.

A planta – enquanto desenho – torna-se assim uma ferramenta adequada para representar esta versatilidade, o poder de polivalência que a divisão assume – desde uma *pizzeria*, num sábado à noite, a um ginásio ou discoteca – totalmente à disposição das preferências dos seus cidadãos.

Trancados na sua gaiola dourada, esquecerão a forma como outrora habitaram o espaço urbano?

Lausanne, Suíça | Desenho

## VIDA PUNK ENTRE QUATRO PAREDES

Nora. A Nora e eu temos vivido juntas nos últimos três anos. Ela tem um incrível *flow* que precisa de ser partilhado com o mundo. Desde que a pandemia chegou a Madrid, vivemos os dias a mascarar-nos, a jogar Catan, a dar festas com *cocktails*, e a comer panquecas de banana todos os dias. Tudo isto culminou no meu projeto *Vida punk entre quatro paredes*.

Eu poderia descrever a Nora com milhares de palavras, mas para ser breve: ela é basca, mas com um coração do tamanho do mundo, atenciosa, apaixonada e cósmica. A Nora toma o pequeno-almoço enquanto ouve *Einstürzende Neubauten*, toma duche enquanto ouve Nick Cave, e cozinha com Bikini Kill e os The Slits como som ambiente.

A Nora é “Vida punk entre quatro paredes”.

Madrid, Espanha | Fotografia

## **RANDOM**

**A Arquitetura** A casa foi construída em 2017. Poderia ser aproximadamente descrita como uma cabana de metal, com uma série de módulos tipo cápsula no interior. Espaços indefinidos fluem entre ambos. Não existe um espaço predefinido para a sala de estar da família, o quarto principal ou o quarto de serviço; não existe um escritório predefinido ou um quarto de brincar para as crianças. Pelo contrário, os residentes agem enquanto “executores ou performers” que interpretarão os diferentes espaços reorganizando-os, de acordo com as suas várias necessidades específicas. Por outras palavras, os habitantes tornam-se participantes ativos na arquitetura, libertos dos rígidos programas domésticos que favorecem uma ambiguidade produtiva.

**As Filmagens** Nós (realizador e arquiteto) perguntámos-lhes (habitantes da casa) se estariam interessados em filmar as suas atividades normais com os seus telemóveis. Queríamos espreitar sorrateiramente o seu quotidiano e perceber de que forma estariam eles a usar a sua criatividade na apropriação e transformação diárias dos espaços. O resultado final (dissemos nós) seria um filme experimental. Concordaram. Os habitantes da casa viram o projeto como uma oportunidade para criar um testemunho da família. Enviámos-lhes uma série de regras mínimas, como forma de orientação, e começaram a documentar. A crise causada pela COVID-19 atingiu-nos logo a seguir.

**O Formato** A quarentena levantou novas questões e abriu novas possibilidades. Assim, a exposição da intimidade deste lar ganhou uma nova conotação devido à completa reconfiguração das rotinas domésticas convencionais durante estes últimos meses. O vídeo não deveria apresentar uma única narrativa (pensámos nós). Pelo contrário, as filmagens deveriam ser apresentadas de forma destabilizada lidando com as aceções fixas através da imprevisibilidade. A aleatoriedade da vida enquadrada pelas rotinas quotidianas, e ainda mais durante a quarentena, tal como num dos nossos filmes favoritos, “O Feitiço do Tempo” (1993, atualmente considerado uma peça visionária). Numa reviravolta inesperada, o filme tornou-se parte da contingência.

Santiago, Chile | Vídeo, Website

Produção: NLC & (E)Studio Futur@ | one-obstruction.com

## **MAPPING INVISIBILITY: A POSSIBILIDADE DE VER, NA IMPOSSIBILIDADE DE ESTAR**

Perante o circunstancialismo ditado pela pandemia, o modelo de confinamento que nos foi imposto é, inevitavelmente, comparável à condição de viver no panóptico que Jeremy Bentham concebeu em 1785 como modelo de encarceramento. Segundo Michel Foucault, o panóptico caracteriza-se por uma arquitetura social e espacial, dentro da qual a vigilância e a punição são indistinguíveis. Este modelo de autovigilância assemelha-se à visibilidade potencial e exponencial da realidade virtual, imposta ou voluntariamente assumida, devido à impossibilidade de sairmos do local onde nos encontramos.

Enquanto viventes da arquitetura existencial do panóptico, a nossa capacidade de visão do mundo é inversamente proporcional à nossa possibilidade de viver fora dele. Vivemos confinados, no paradoxo entre o visível e o invisível, onde só viajamos pela visibilidade virtual ou permanecemos fisicamente invisíveis dentro do nosso espaço social real.

Incapacitados de estar fisicamente no espaço, procuramos uma nova noção de lugar. Tal como nos mapas psicogeográficos situacionistas, podemos também criar as constelações das nossas viagens possíveis pelo espaço virtual.

A colagem que observamos resulta do mapeamento de alguns espaços culturais da cidade do Porto e da sua localização geográfica, sobrepondo as imagens proporcionadas virtualmente para mostrar apenas o que se tornou visível em tempos de clausura.

*Mapping Invisibility* mapeou a viagem por espaços virtuais visíveis, onde não nos foi permitido ir fisicamente durante a quarentena. Enquanto observadores deste novo estado, tornámos as redes, culturais e artísticas, visíveis a partir do centro do panóptico, desde que dele não saíamos; por outro lado, e enquanto intérpretes virtuais, mapeamos a possibilidade de ver, na impossibilidade de estar.

Porto, Portugal | Colagem

PATRÍCIA COELHO  
ANA VIEIRA DE CASTRO  
FRANCISCO VARELA

## EMERGÊNCIA DO SUPEREGO

A presente reflexão surge como homenagem ao nosso inconsciente moral e à sua conseqüente sobrelevação extraordinária, num contexto particularmente difícil e inédito no espaço temporal da humanidade atual: o condicionamento das dinâmicas da vida, com base no aparecimento de uma pandemia. Paradoxalmente, num contexto de isolamento forçado, em que o tempo introspetivo se multiplica, e, sendo a expressão o expoente da nossa liberdade, nunca fomos analiticamente tão livres.

Os valores morais que emergem do vasto mar do nosso inconsciente, foram o mote para uma manifestação expressiva de reflexões suportadas numa base referencial idiossincrática. Numa analogia ao sistema tríptico organizacional da psique humana, segundo Sigmund Freud, composto pelo Ego, ID e Superego, materializa-se uma interpretação subjetiva dos ímpetus inconscientes despoletados pela pandemia, traduzida numa representação abstrata e imagética que se consubstancia através de um léxico arquitetónico. A proposição, em jeito de construção habitável, é desenhada sob um discurso analógico que alude aos diferentes sentimentos despertados pela pandemia, desde o começo até ao término do estado de emergência nacional, rematada com a exortação dos valores morais e coletivos. Perante um dos maiores conflitos psicanalíticos do nosso inconsciente, a abnegação coletiva responde ao apelo da necessidade. O nosso Estado determinou a emergência do nosso Superego.

O mapa ilustrativo subsequente, decomposto em nove momentos, apresenta-se como um levantamento do trajeto parabólico que todos vivemos, numa representação subjetiva e com uma construção alegórica, segundo o aparelho psíquico freudiano. As diferentes imagens são elaboradas em combinações de composições diversas, tendo por suas componentes as representações arquitetónicas da morfologia de base, de forma a que, subjetivamente, se possa estabelecer uma correlação interpretativa com os momentos identificados. Assim, as ilustrações surgem como uma resposta às questões das possibilidades do estado da mente numa situação transformadora, suportada numa narrativa pessoal dos exercícios psique no contexto de isolamento pandémico.

Vila Nova de Gaia, Portugal | Desenho

## A SINGULARIDADE CHEGOU 1.0

Relativamente à nossa situação atual – o confinamento causado pela COVID-19 – a comunicação virtual atingiu o seu pico até à data. Somos encorajados a ficar em casa e, de forma a mantermos a nossa rotina profissional e social, recorreremos a uma variedade de plataformas digitais. Há uma mudança de paradigma, onde estamos abruptamente a perder a interação física. Esta situação levou a uma compreensão do ciberespaço enquanto um sistema incompleto, onde os nossos corpos são inexistentes e a nossa criatividade é limitada.

Para melhorarmos este ciberespaço, precisamos de criar uma simbiose entre as entidades que coexistem no mesmo. Através do aumento da comunicação de computação cognitiva, podemos estabelecer uma relação entre essas entidades e trocar dados recolhidos. Estes dados, partilhados por todos os participantes, tornar-se-ão o elemento mais valioso: sendo completamente acessíveis e partilhados igualmente por todos. Precisamos de novos ambientes que nos permitam fazer parte deste sistema, que nos libertem do corpo estático.

Tendo passado a quarentena a jogar, não apenas enquanto simples jogadores, mas também como humanos com sonhos e ideias, como se de uma passagem para outra dimensão ou para o sonho de outra pessoa se tratasse. Enquanto seres criativos, nós representamos os nossos sonhos. Da mesma forma que Salvador Dalí brandiu o pincel e pintou, nós digitámos nos nossos programas e motores 3D e embarcámos numa representação virtual. A manifestação deste ato assemelha-se a entrar numa pintura viva repleta de dinâmicas.

Mas quem somos nós neste mundo, e como é que nos representamos a nós próprios na realidade cibernética? Uma realidade que funciona socialmente mais como uma propriedade distributiva do que como circuito de retorno? Um número infinito de células em que existe uma carência de sentido próprio, mas que trabalham como parte de um sistema que tende a encontrar o seu equilíbrio homeostático coletivamente. Cada coletivo é um tecido desta globalidade nova e local, e embora longe de ser um holismo, encontraremos as nossas respostas no microscópio.

Amadora e Lisboa, Portugal | Vídeo

## DIÁRIOS DE UMA PANDEMIA

Em janeiro de 2020, mudei-me sozinha para o Porto, com o entusiasmo e a ambição de quem aposta tudo num novo começo. Dois meses depois encontrei-me, como tantos de nós, numa situação de limbo indefinido, com os planos para o futuro alterados por uma força que eu não podia controlar. Estávamos no primeiro grande pico da pandemia da COVID-19, em Portugal, e enfrentávamos um confinamento rigoroso por conta de um inimigo invisível e desconhecido, cujas formas de ataque pareciam mudar constantemente.

Por sugestão do coreógrafo Miguel Moreira, comecei a improvisar, a explorar e a registar diariamente os efeitos do isolamento no meu corpo. Durante 25 dias programei um temporizador para 20 minutos, pressionei “gravar”, na minha pequena câmara de filmar, e movi-me livre e intuitivamente. Nasceram assim os *diários de uma pandemia* – vídeos não editados que ia publicando no *YouTube*, acompanhados por uma pequena reflexão escrita.

Entre o mapear de espaços, energias, sensações e sentimentos, fui descobrindo tristeza, raiva, frustração, ansiedade, desapego, aceitação, alegria e gratidão. Com o escalar da crise sanitária, acabei por voltar para casa dos meus pais, na pequena freguesia de Valongo do Vouga, onde cresci, e nesse recomeço a vida sorriu-me de maneiras que eu nunca poderia ter planeado.

A pandemia da COVID-19 solidificou em mim uma vontade de criar que sempre existiu, mas que eu não estava a honrar devidamente. Vários meses volvidos, olho para estes vídeos e reconheço impulsos que, inconscientemente, acabei por recuperar noutras criações, e mais uma vez compreendo que somos sempre a mesma pessoa, por mais que o mundo vá mudando.

Porto e Águeda, Portugal | Vídeo-dança



## CORPO/PODER

O legado de Platão, juntamente com a separação da mente e do corpo proposta por Descartes durante o séc.XVII, forneceu uma série de suposições não examinadas que abrangem todas as ciências sociais. Por exemplo, o modelo ocidental de uma “pessoa” estabelece a construção da mente como um local não-material de racionalização, pensamento, linguagem e conhecimento, por oposição à expressão física da irracionalidade, emoção e sentimento. Após Darwin, tal fisicalidade foi compreendida como sendo “natural” ao invés de “cultural”. A sobrevivência do nosso animal do passado. Na tradição cristã ocidental, o corpo enquanto carne é visto como o local de desejo pecaminoso, apetites corruptos, paixões irracionais, por vezes sujeito a práticas disciplinares para se transcender a si próprio.

Independentemente deste legado, não é surpreendente que encontremos expressões de curiosidade e repugnância em relação a práticas físicas estranhas, gesticulação excessiva, rituais exóticos, e danças “selvagens” frequentes em encontros entre exploradores e nativos durante o século XIX. Tais factos fizeram com que as populações não-ocidentais fossem consideradas primitivas e tornaram possível a criação do Outro e seu estereótipo. Em geral, a sociedade foi julgada como sendo primitiva, caso a diferença daquilo que era “aceitável” pelos padrões ocidentais fosse significativo.

Durante os séculos da escravatura, o corpo Africano foi a materialização da nossa cultura tecida com a música que era também orgânica. Os úteros não eram nossos, e a maternidade foi-nos retirada, assim como a ligação à nossa origem.

As mãos que carregamos, as mãos são nossas. Este período periférico, que habitou a periferia durante os anos formativos, não deve ser visto como um mero espaço marginal de perda e privação, mas como um local de possibilidades.

Este período de isolamento permitiu-me olhar para dentro, para aquilo que é orgânico para mim, a mente e o corpo como um só, fora do lugar da cidade, como um indivíduo, transformando-me no referente.

Braga, Portugal | Fotografia



## VERTIGEM

Como preencho o espaço, se não com o meu corpo ou com a câmara que o grava?

O silêncio e a solidão tornam-se parte da perspetiva de cada canto. Nunca tive tantas saudades de respirar com o Outro. Colapso nas vertigens de um futuro que nunca antes se reduzia à ansiedade do oculto. Não vejo o dia de poder voltar a encostar uma parte do meu corpo a um desconhecido, sem receio. Até lá, tenho de aguentar a hierarquia da introspeção. É um tormento viver só, não partilhar, sem ser por um ecrã ou uma rede de voz, análises meditadas. Quimeras tecidas por choques neurológicos que me despertam, ou não, a (in)significância. Mesmo distraída de mim, estou sempre no mesmo corpo.

Quando me desloco pelo espaço, não me resta senão dançá-lo. Dançar o espaço como um ritual inacabado. Vida. Viver sem dançar é como árvores sem vento.

Há dias onde me vejo num futuro desejado e a esperança enche-me a carne. Sentimentos passam-me pelo interior dos intestinos e elevam-me para lá do topo do crânio.

Queria partilhar este tempo e distrair-me da ambiguidade de ser.

*Vertigem* é um projeto de vídeo-dança que nasceu como o desafio de um trabalho experimental no FAICC – Formação Avançada em Interpretação e Criação Coreográfica – da Companhia Instável (Porto, Portugal), durante o período de quarentena. Consiste num vídeo-dança, um texto e eventualmente um solo performance.

Lagos, Portugal | Vídeo-dança

## O COMPORTAMENTO DE CORPOS ISOLADOS

Evocação da relação entre corpos, linguagem corporal e os limites físicos da privação

Estar em quarentena pode ser desafiante para os nossos corpos. A privação traz consigo raiva, ansiedade e perturbações íntimas. Estar preso num espaço, numa casa, num edifício, fez-nos refletir acerca de nós próprios. Quando nada mais existe, os corpos interagem uns com os outros. Os corpos interagem com os elementos arquitetónicos criados por nós, os corpos lutam consigo mesmos. Vimos o corpo não apenas como um objeto que gira à volta de estruturas físicas, onde por vezes não se encaixa. Mas também o vimos como um manifesto de tristeza, irritação, frustração e outras emoções desconfortáveis.

Para a nossa série de fotos, inspirámo-nos na obra de Valie Export, *Body Configurations* (1972-82), onde evocou a relação entre a linguagem corporal e o ambiente urbano. Ela usou o próprio corpo de uma forma quase escultural para realçar as linhas, os espaços, e os poderosos constrangimentos do que a rodeava. As suas fotos acentuavam a conformidade falhada com as estruturas arquitetónicas e as linhas geométricas aplicadas, a tensão entre o indivíduo e as forças ideológicas/sociais que moldam a realidade urbana.

Durante o nosso período de quarentena, questionámos as linhas e os espaços da esfera privada, assim como os nossos corpos neles. Enquanto casal, tivemos constrangimentos/tensões de interação entre os nossos corpos, até mesmo entre os nossos corpos e os elementos que nos rodeavam. No meio de toda a alienação e angústia, encontrámos tempo para aprofundar a busca por novas possibilidades entre nós e alguns detalhes com uma função bastante definida, sempre questionando o seu propósito e o seu significado. Seremos nós ou eles que se adaptam às forças psicológicas do isolamento? Propomos aqui uma série de testes onde as emoções e os corpos se confrontam consigo mesmos e com os elementos arquitetónicos e domésticos: imitando a sua geometria, desvanecendo o seu significado e sugerindo novas relações de intimidade.

Guimarães, Portugal | Fotografia

## #COVERED20

O primeiro confinamento mundial. A primeira quarentena mundial teve início em todo o lado no fim de março. #COVered-20 é um pequeno vídeo dos meus dias de quarentena no Porto, em Portugal e em Patras, na Grécia. O vídeo documenta cenas reais em ambos cenários, levantando a questão: como é que a quarentena afetou realmente a vida das pessoas? O que mudou? Será o vírus a escolher quem vive, ou serão os governos? Embora a pandemia tenha aparecido em 2019 e os cientistas a tenham chamado de COVID-19, esta afetou as nossas vidas em 2020, como um ano zero, e portanto eu chamo-a de COVered-20.

Porto, Portugal | Patras, Grécia | Vídeo de dança

## PASSAPORTE DE UM CORPO #1

São várias e distintas as formas de mapear momentos. Estou certo que fazê-lo através da temperatura corporal seja a forma menos convencional. Mas a situação pandémica em que vivemos mostra-nos que esta é inevitável e que nos acompanhará durante muito tempo. A necessidade pede-o e a circunstância obriga-o.

Para além de um mapeamento preventivo, movido pelo receio, acrescentou-se uma vontade de autoconhecimento. Um mapear de um corpo que, por necessidade, se moveu em território hostil na procura de uma circunstância estável para repousar, explorando os seus limites e fazendo deles a sua normalidade, compreendendo padrões, e tomando partido da sua sistematização.

Afinal, quantos de nós sabemos, de forma não circunstancial, a que temperatura se move o nosso corpo?

A peça proposta procura explorar, graficamente, os dados de temperatura recolhidos. Sintetiza as imagens de um corpo, por mais de 65 dias, em dois países, três cidades, em momentos nem sempre coincidentes nesta linha do tempo. Para além de uma sistematização desse controlo, este trabalho é uma lembrança, em formato de registo, reforçado pelas memórias que o corpo guardou sobre este período conturbado da história. É um passaporte do meu corpo que, à data, me permitiu mover entre fronteiras, tornando-me consciente da minha temperatura em movimento e em repouso.

Munique, Alemanha | Porto e Viana do Castelo, Portugal  
Performance gráfica

## ESTA VIDA EM CÍRCULO

*Esta vida em círculo* é uma interpretação pessoal do quotidiano alterado pelo confinamento e pelo distanciamento social. É uma imagem mental das minhas rotinas, dos gestos, das pequenas ações, da nova dimensão de espaço e tempo e do lugar que o corpo ocupa nela. O corpo, que não é aqui entendido só como matéria, mas também como extensão física da mente e do querer.

Esta é uma tentativa de compreensão dos limites que este contexto me impôs, condicionando a minha liberdade na esfera física e dando-lhe expressão apenas num espetro digital, quase virtual. Assim, o espaço que ocupo começou a adquirir novos significados, evoluindo de local de conforto para local de inquietação, espera e incerteza. Neste contexto rígido e de poucos estímulos físicos, os atos simples tornaram-se cada vez mais despidos de intenção e o corpo cada vez mais mole e adormecido, como se o mesmo tivesse esquecido o movimento, colocando-se num modo automático e repetitivo.

Que lugar ocupa o corpo nesta nova dimensão, longe da imprevisibilidade, do caos, da exceção?

Póvoa de Varzim, Portugal | Desenho

## SONHOS EM TEMPOS DE SOLIDÃO

Fim.  
Quarto.  
Quando acordo e me ergo  
sinto o fresco que vem da  
cozinha.  
Dói-me o corpo de ontem.  
Cheira a humidade, e a  
cortina de bambu começa a  
ficar mofada.  
Vou até à janela e vejo a  
árvore de ontem, mas hoje.  
Caminho até ao  
amplificador e ligo-o.  
Digo bom dia em silêncio.  
Beijo a santinha que a  
minha mãe me deu: “filho,  
se um dia estiveres triste,  
fecha os olhos e sorri.  
Pensa que o nosso amor  
existe e que eu gosto muito  
de ti!...”  
Sento-me e estendo o  
jejum, porque a fome só  
chega no início.  
Quarto.  
Teletrabalho.  
Cozinha.  
Preciso de fazer sopa.  
Sopa com pão. Sopa com  
pão e queijo. Sopa com  
fruta. Sopa com pão. Pão.  
Quarto.  
Teletrabalho.  
Não há pausas, porque há  
o medo de perder o  
sustento dos sonhos.  
Teletrabalho.  
Teletrabalho.  
Teletrabalho.

Casa de banho ocupada.  
Urgência. No quarto, uma  
garrafa de água serve de  
penico. Uma casa de  
banho para oito pessoas.  
O que fazer? Aceitar em  
2020. É a vida! Em 1975.  
Teletrabalho.  
Voz. Aquecer a voz. Maçã.  
Comer maçãs para limpar  
a boca e a faringe.  
Sonhos!  
Aaaaaa...Eeeeeee...liiii...  
Oooooo...Uuuuuu...Nha...  
Nhe...Nhi...Nho...Nhu...  
Nhra...Nhre...Nhri...  
Nhro...Nhru...  
Casa do Artista.  
Início.  
Formação em teatro.  
Aquela sensação de  
criança feliz para quem  
tudo é novo.  
Aquela sede de aprender  
mais, e mais, e mais...  
Referências...  
Partilha...  
Corpo é plasticina.  
Alma.  
Dor.  
Quarto.  
Olho a minha metade.  
Tudo passou a ser menos  
superficial, e cada  
pormenor importa.  
Masturbação.  
Tão íntimo do meu ser.  
Sonhos!

## FRAGMENTOS DO ISOLAMENTO

Considerar os fragmentos e as camadas da cidade e respetivos impactos na memória coletiva é o objetivo deste projeto. A cidade é composta por uma série de camadas. Algumas destacam-se, outras são sobrepostas, outras perdem a sua identidade, e até existem aquelas que deixam de existir até serem esquecidas.

O conceito desta peça centra-se em refletir como a produção de espaço cria história, memórias e esquecimento, através de observação, mapeamento, análise e experimentação para considerar os espaços públicos e suas transformações.

O diário do confinamento desenrola-se através de fragmentos de memórias quotidianas do período de quarentena. *O limão do limoeiro no quintal. O chá, o fósforo, as sementes, o solo, a folha, o ramo, a lama, a flor do jardim.* O chão raspado, a parede raspada, o grão. Todas as camadas da vida que foram moldadas durante este período de isolamento.

A conversação no espaço público é uma interação sobre o mapeamento e observação e registos diários. Esta peça discute quem poderá ter algum tipo de espaço público durante períodos de confinamento.

Porto, Portugal | Instalação

## AS CORES DOS DIAS

A desorganização. De pensamentos, de ideias, de concepções; da forma como vemos o mundo e a nós próprios.

O medo. Mais do que o medo de simplesmente não saber, de ceder à obsessão de procurar, há o medo de não conseguir descodificar e traduzir tudo a tempo.

O novo paradigma do espaço e do tempo. O tempo que não sabe se é demasiado ou insuficiente, capaz de transfigurar a perceção do que já passou e do que virá a seguir.

A mente bipolar, contraditória. Quando não sente nada, tenta sentir tudo; quando sente tudo, quer esvaziar-se até não ser nada.

Todos os dias são iguais, com cores diferentes.

Guimarães, Portugal | Fotografia



## FLORES DA QUARENTENA

A pandemia da COVID-19 provocou um impacto no nosso quotidiano e, conseqüentemente, vários setores de produção foram afetados. Exemplo disso, foram os produtores de flores que, devido à ausência de clientes, foram obrigados a deitar ao lixo toneladas de plantas.

Perante isto, nos primeiros dias de abril de 2020, comecei a enviar cartas a vários produtores de flores da zona do Porto, com o objetivo de conseguir uma doação de “flores do lixo”. No dia 5 de abril, recebi um e-mail da empresa “Florisul”, cujo armazém se localiza na Maia. Esta empresa disponibilizou-se para a doação de desperdícios de plantas e flores.

Nos dias seguintes, comecei a experimentar. Foram quase dois meses de constantes experiências com flores, reconhecendo a sua materialidade, forças e propriedades.

Esta matéria, inicialmente destinada ao lixo, foi transformada em tintas líquidas, pó, numa máscara de proteção e bordados de flores.

Finalmente, as plantas rejeitadas e desperdiçadas tiveram a oportunidade de se exprimirem, resultando numa poesia visual e tátil.

Porto, Portugal | Artefacto

## **REPITA COMIGO: NÓS NÃO VIVEMOS NUMA BOLHA. O QUE FAZEMOS IMPORTA. FIQUE EM CASA.**

Uma série de posters, publicados no Instagram, criados durante o período de isolamento da pandemia da COVID-19.

Durante este período, decidi recorrer ao Instagram como uma forma de hipertexto, partilhando livros, filmes ou qualquer outro contexto relevante, relacionando-os com a nossa situação atual. “No seu nível mais sofisticado, o hipertexto é um ambiente de software para trabalho colaborativo, comunicação, e aquisição de conhecimentos. Simula a capacidade do cérebro de armazenar e recuperar informação através de ligações referenciais para um acesso rápido e intuitivo.” (“A grand vision” de Janet Fiderio, 1988).

Este projeto foi maioritariamente inspirado num poema de Kitty O’Meara:

*E as pessoas ficaram em casa. E leram livros, e ouviram, e descansaram, e fizeram exercício, e criaram arte, e jogaram, e aprenderam novas formas de existir, e pararam. E escutaram mais profundamente. Algumas meditaram, algumas rezaram, algumas dançaram. Algumas encontraram as suas sombras. E as pessoas começaram a pensar de forma diferente. E as pessoas sararam. E, na ausência de pessoas a viverem de formas ignorantes, perigosas, insensatas, e insensíveis, o planeta começou a sarar. E quando o perigo passou, e as pessoas se juntaram novamente, choraram as suas perdas, e fizeram novas escolhas, e sonharam novas imagens, e criaram novas formas de viver e sarar o planeta inteiro, tal como elas haviam sarado.*

Matosinhos, Portugal | Design gráfico

## QUERIDA QUARENTENA

Três colegas, duas raparigas e um rapaz, fechados em casa por uma pandemia, em cidades diferentes, decidem escrever uma carta visual à Quarentena, como se de uma personagem se tratasse. Aqui expõem-se o receio da mudança, as reflexões de cada um, o verdadeiro significado da palavra “saudade”, a nostalgia sentida neste tempo que pareceu infinito e a curiosidade do que está para vir.

*Querida Quarentena* surge do curso “Death & Documentary”, produto de uma parceria entre a Escola Superior de Media Artes e Design do Politécnico do Porto e a University of Texas, em Austin. Expõe três diferentes abordagens e formas de lidar com a mudança e com o fim da rotina, apresentando, através da distorção do tempo, a busca pela transformação de vozes em objetos e espaços, apagando a linha que separa o ser e o estar, neste período tão incerto das nossas vidas.

Santa Maria da Feira, Portugal | Esmoriz, Portugal | Porto, Portugal  
Vídeo

## TERCEIRO TRASEIRAS

O mês de março de 2020 foi o primeiro em que estive a trabalhar a partir de casa, numa rua bastante ruidosa do Porto. Dos sons habituais apenas restaram as ambulâncias e algumas obras que se ouviam ao longe. No local de trabalho ficou o som dos telefones, do ar condicionado, da impressora e das pessoas. Foi assim que os sons da casa e da vizinhança tomaram conta.

Muitos de nós, que vivem em grandes centros urbanos, temos vindo a assistir, nos últimos anos, à reabilitação de vários prédios. Para tornar estas propriedades mais rentáveis, os apartamentos são cada vez mais pequenos e com divisões pouco definidas. Neste momento, é evidente que tal ato rompe com a associação que estabelecemos entre cada divisão e as nossas ações do dia a dia (tais como jantar, dormir, trabalhar, vaguear), e a oportunidade para a contaminação do espaço doméstico com o espaço de trabalho, é ilimitada. Ainda assim, é possível que, para quem está a experimentar o teletrabalho pela primeira vez, se encontre a tirar prazer das rotinas e da contemplação das pequenas coisas.

Grande parte destas habitações não têm varanda ou jardim, pelo que está a haver uma maior utilização dos jardins públicos. Esta alteração de hábitos, entre outras mudanças de rotina, leva-nos a construir uma ideia nova daquela que é a nossa localidade: estamos a percorrer outros caminhos e a cruzar-nos com outras pessoas.

Particularmente no início da pandemia, em Portugal, quando as medidas de circulação na via pública foram mais apertadas, a redução do ruído nestes locais foi radical. Em termos de saúde mental, este fator poderá ter diferentes consequências. Por um lado, dar-nos uma maior qualidade de vida, permitir que o nosso sentido da audição se torne mais apurado, contribuindo para uma maior sensibilidade e capacidade de imaginação. Por outro, poderá ter um efeito perturbador, claustrofóbico.

Porto, Portugal | Vídeo

## QUERIDOS VÓS QUE SOIS EU

Queridos vós que *sois* eu,

Porque seria eu um egomaniaco se ouço mais do que um de vós na minha cabeça?

Ouço-vos após o almoço e, assim que decido ir dormir, quando o meu corpo de certo modo se deteriora e a minha mente luta para o trazer de volta à vida. Nessas alturas, preocupo-me com as minhas mãos, desastradas e temerosas, vulneráveis a um ambiente que não podem abordar com certeza.

Procuro refúgio nos espaços calmos onde me sinto protegido. O meu quarto situa-se no 4.º piso, no segundo da minha *maisonette*. Na parede voltada a oeste, existe uma janela, cujo parapeito preenchi com uma coleção de rebentos das minhas plantas favoritas. Quando crescerem, quero deixar cada um deles nos degraus da porta de entrada das casas dos meus amigos, que estão em isolamento. No outro lado da janela, existe uma goteira, onde coloquei dois longos vasos retangulares de plantas. Frente a isto, um pátio com um par de ginjeiras e quatro tílias — nada a ver com limas ou limões, como provavelmente saberá. No outro lado do pátio, existe um bloco de apartamentos face à rua, Avenell Road. Num dos apartamentos defronte ao meu, as luzes estão sempre ligadas. Só pode ser um bordel, por causa das mulheres seminuas lá dentro, mas talvez eu assumo isto porque, vós, as vozes na minha cabeça, sois extremamente sexistas.

Através da janela, apenas consigo ver uma pequena cozinha. Pessoas diferentes todos os dias, mas cujos papéis são frequentemente os mesmos: um homem geralmente sentado, algumas mulheres lavam-se, colocam maquilhagem ou conversam, e um balcão em forma de L enquadra a ação.

À noite, no meu quarto, vós tomais a palavra. Não consigo ouvir mais nada, já que os residentes do bordel estão habitualmente calados. E o bloco de apartamentos deles protege-me do barulho de alguns carros que circulam na Avenell Road. Identifico cada um de vós com uma pessoa diferente que habita o pequeno espaço que o meu crânio permite.

A forma de funcionar do bordel — assim eu o imagino? — está na mesma linha da forma como falais na minha cabeça; um está calado, enquanto escuta, sentado. Por

vezes, este entusiasma-se e começa a conversar, a gritar, ou aproxima-se dos outros, acabando em discussão, carícias ou copulação. É bastante inesperado, assim como muitas pessoas se deixadas à mercê dos seus instintos sexuais.

O vosso desejo sexual é bastante inesperado, também. Por norma, contudo, é oculto, revelando-se em circunstâncias que talvez demonstrem um convite à intimidade entre diferentes pessoas.

Vós, as pessoas na minha cabeça, geralmente não têm nome, ou personalidade. Tomais diferentes formas de acordo com as vozes que adotais. Apareceis e desapareceis. Sei que é bastante complicado entender, mas espero tornar as coisas mais claras para mim.

Londres, Reino Unido | Vídeo

## CONSTRUÇÕES, CORPOS E CORAÇÕES PARTIDOS

*Construções, Corpos e Corações Partidos* é uma mini-história de cinco episódios, do Instagram, explorada através de vídeo, áudio e texto. Em cada episódio reajo a passagens específicas publicadas no novo livro do artista performativo Abi Palmer, *Sanatorium* (2020), à medida que reflito sobre o meu próprio trabalho, sobre a quarentena e sobre o meu estado de espírito após ter terminado um relacionamento. Também busco inspiração na obra da historiadora de arquitetura e realizadora Anna Andersen. Cada episódio foi publicado um dia após o outro, entre 8 e 12 de abril de 2020. Dentro do espírito de exibição cinematográfica, foi lançada uma campanha, nas redes sociais, para promover cada episódio, assim como três diretos “Afterparties,” no Instagram, as quais convidaram os espetadores à conversa e contaram com convidados especiais, incluindo Palmer.

O Episódio 1, “Múltiplos de Entorpecimento”, fala sobre a espacialidade de recordar; o Episódio 2, “Tsunami”, lida com o desgosto amoroso enquanto evento traumático; o Episódio 3, “Mater Ter Admirabilis”, é sobre reencontrar a espiritualidade através de três figuras femininas (a minha mãe, a minha astróloga e a Virgem Maria); O Episódio 4, “Paracetamol e Botox”, é sobre o resultado corpóreo do luto; e o Episódio 5, “A Cama”, é sobre controlo em tempos de impotência. Cada episódio é narrado em inglês com legendas em espanhol. Os atos de cuidar exibidos em cada episódio manifestam-se no espaço doméstico, flutuando entre cuidar do meu corpo e cuidar do meu apartamento. Intensamente introspetivo, permito ao espetador vislumbres ocasionais da cidade, a partir da janela virada para oeste, no meu apartamento do 14.º piso em San Juan, Porto Rico.

San Juan, Porto Rico | Vídeo. Redes Sociais  
@regner.xyz

## A IDENTIDADE DO ISOLAMENTO SOCIAL

A pandemia da COVID-19 trouxe com ela consequências à escala global e individual. Perdas humanas, impactos económicos e efeitos psicológicos, mas todos relacionados, de alguma forma, com o isolamento social.

Observei e tentei compreender como é que as pessoas procuram lidar e responder a esta mudança. Fiz uma autorreflexão e uma autorrepresentação sobre quem somos e sobre aquilo que nos poderia representar durante o período de isolamento social.

Desta forma, criei o projeto coletivo *A Identidade do Isolamento Social*, que tem como propósito criar uma memória visual do período de isolamento, e revelar uma nova identidade individual e coletiva, dentro de uma nova realidade.

Através de um convite digital, foi proposto a diversos participantes um exercício de resposta às seguintes questões : “Quem sou realmente?”; “Como me apresento perante o mundo?”; “Serei o mesmo depois do isolamento?”. A partir destas perguntas, os participantes tiveram de selecionar objetos e/ou ações que fossem, de algum modo, simbólicos do período de isolamento. Estes objetos tinham de ser fotografados em formato 3x4, e enviados para a conta do Instagram @identidade.jpg, onde foram partilhadas, juntamente com outros participantes.

Em suma, o presente projeto procura entender de que modo as redes sociais se podem tornar um “espaço público digital”, onde as pessoas, além de se encontrarem de forma virtual, partilham quotidianos e efeitos coletivos sobre o isolamento. Simultaneamente, o projeto identifica as singularidades de cada indivíduo, nas suas verdadeiras identidades.

Vila Nova de Gaia, Portugal | Montagem. Redes sociais  
@identidade.jpg



## EU ESCREVO, ELA TECE

### Eu

Em algum lugar, li que fazer uma quarentena não é tão diferente de fazer um doutoramento, especialmente a sua fase de escrita. Assim sendo, não será o ato de escrever uma espécie de prática de quarentena? Um fardo solitário e autoimposto devido a pressões externas e prazos, guiado pela frustração e pela culpa? Como nos libertamos das palavras que nos atormentam?

Ontem foi o meu 15.º dia de isolamento social. E, ontem, ao trabalhar para o meu doutoramento, escrevi e pensei intensamente sobre uma palavra específica: *teia*.

Entre pensamentos, palavras e turbulências, decidi, nesse momento, que passaria a documentar todas as palavras que me angustiam no processo de escrita. Uma palavra por dia. Posteriormente, cada palavra será enviada para uma outra metade de mim, uma mulher com olhos de coruja. Esta mulher é uma aranha, uma deusa mística. E o seu papel será nobre: o de codificar e tecer estas palavras inquietantes. Ao fazer isso, a mulher-animal irá, de algum modo, arquivar as palavras. Mas para quem? Para qual futuro? Quem irá descodificá-las? E, mais importante, quando poderei ver novamente esta mulher?

### Ela

*Hoje*, é uma bonita palavra.

Antes de ser alfabetizada, lia o enredo da vida. Teia e trama compunham uma base uniforme, onde o dia a dia se desenrolava. Quanto mais perto dos olhos, mais se revela o que está para além da vida. Antes de saber a numeração já contava os fios daquela narrativa onde uma linha era (en)traçada à minha frente, delimitando, contrapondo, enriquecendo, dividindo, colorindo, multiplicando... esse invólucro foi o canto do sonho, da preguiça, da tarefa, do ritual, da passagem, da conquista e da frustração. Não acontece sozinha e ninguém o explica, mas é no silêncio que a coisa acontece, sabes? E o ritmo instala-se.

Não dá para ser bicho sem estar em alerta e a quarentena tem essa propriedade: a de se estar isolado sem se estar sozinho. A imposição, a obrigatoriedade e a proibição são a trama que dá o tom a este momento. Como desembaraçar isso? Conta-me coisas e o *agora* será memória.

Braga, Portugal | Porto, Portugal | Tecelagem

## A DESCOMEDIDA PERMANÊNCIA DO TODO

*A Descomedida Permanência do Todo* é uma performance gráfica, que procura provocar e questionar o conceito de espaço e de tempo, modificados pela realidade contemporânea on-line e amplificado pelas condições forçadas pelo confinamento. Com esta performance pretendemos quebrar a rotina excessiva das ferramentas de comunicação e informação virtuais através da adoção da troca de correspondência postal. O diálogo ocorreu entre duas brasileiras expatriadas, que vivem em Lisboa e em Nova Iorque, comunicando através de cartões postais e expondo as perspectivas das remetentes sobre o desenrolar da pandemia nos dois países de residência, tendo, como pano de fundo, as suas aflições perante a resposta política brasileira à pandemia.

Um postal enviado em circunstâncias de confinamento que nos transporta numa viagem mental, face à impossibilidade do deslocamento físico. A comunicação encontra outras dimensões e significados, uma vez que o conteúdo do postal acaba por chegar obsoleto ao seu destino, e o espaço restrito para a escrita, impõe uma seleção da informação que pode ser enviada. O postal institui uma trajetória física, finita e temporal: sem excesso de informação, sem respostas instantâneas. É uma comunicação que viaja e reconfigura a relação entre tempo e espaço rompida pela realidade virtual atual.

Tal comunicação transcende o plano do privado e transmite, na esfera pública da sua trajetória, a situação crítica da posição brasileira face à crise pandémica. Em cada postal foi impressa uma transcrição do atual presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, referida durante a pandemia. Discursos autoritários que visam calar e apagar a legitimidade da ciência, o direito à democracia e à liberdade de expressão. Palavras que são levadas adiante nesta escrita-protesto.

Convidamos os visitantes da exposição a levarem consigo um dos posters que sintetizam esta performance gráfica, e um dos postais-protesto, de participarem neste ato performativo. Informação é movimento, e vemos o postal como o veículo que permite esta mobilidade, no espaço e no tempo.

Lisboa, Portugal | Nova Iorque, Estados Unidos da América  
Performance Gráfica

ANA LUIZA ADDOR  
IZABEL BARBONI

## PASSA, TEMPO

*Passa, tempo* é um projeto de duas amigas, uma de cada extremidade da rua, que queriam jogar sem correrem o risco de se contaminar.

Começámos por colocar alguns jogos do galo nas paredes de alguns edifícios que ladeiam os percursos dos nossos passeios higiénicos diários, para que, enquanto os percorrêssemos, pudéssemos interagir uma com a outra, sem ter de partilhar o mesmo espaço, ao mesmo tempo. Uma vez que estávamos a usar o espaço público como palco desta atividade, propusemos partilhar esta iniciativa com a população local, colocando estes jogos junto aos locais de comércio ou serviços essenciais, onde fosse propícia a aglomeração de pessoas em filas de espera, como supermercados, padarias, multibancos, restaurantes, papelarias, entre outros. E, uma vez que estes serviços se encontram limitados quanto ao número de pessoas no seu interior, com a inevitável obrigação de criação de filas de espera, a nossa intenção, ao colocar os jogos junto às entradas destes mesmos locais, foi que as pessoas continuassem a respeitar a distância física recomendada, mas que conseguissem diminuir a distância social a que estas novas condições obrigam.

Propomo-nos reinventar o modo de interação humana, de um ponto de vista lúdico, quando esta é limitada, com a intenção de atenuar o sentimento de ansiedade e depressão sociais das pessoas, e evitar que sejam absorvidas por dispositivos tecnológicos, em situações de espera.

Os jogos poderão ser jogados individualmente ou com um desconhecido. Ou até mesmo com o vizinho temporário da fila de espera. Se não quiserem jogar naquele espaço, podem destacar, levar para casa, e jogar com a família.

Poderá ainda não nos ser possível usufruir da proximidade com o outro, que tanto desejamos, mas é preciso reinventar o ato de socializar. E haverá melhor maneira de ajudar o tempo a passar do que um regresso à simplicidade do brincar?

Anadia, Portugal | Jogo

## À DISTÂNCIA DE UM CAFÉ

Quando contamos os nossos sonhos a alguém, alimentamos a ideia de os tornar realidade. Assim, completamos a história que teve início em algo rebuscado nos ouvidos desse ouvinte. Será que ainda seria assim?

A nossa associação entre viajar e sonhar não é maior do que o tempo que demoramos a beber um café. Eu e Gabriela estamos apenas à distância de um café.

Dessau e Lima. Quantos quilómetros? Abrem-se novas dimensões neste novo ano zero. O nosso café continua nos nossos planos, num registo pessoal, que alimenta as nossas conversas.

*[Rainhas ao raiar do dia, café Dominical, aquilo que desejarem!]*

Não há como voltar à normalidade. Mas o que é a normalidade? A nossa mudou quando a Gabi partiu após o nosso último abraço na “La Panetteria” para perseguir uma ardente visão pessoal. Não existe algo como a normalidade, nem nunca existiu.

Talvez a normalidade seja uma amizade suspensa no aroma do café. Momentos que nos fazem sentir, muito intimamente, que ao ritmo daquele bebericar, tudo foi e será possível.

Dessau, Alemanha | Lima, Peru | Desenho performativo

## TACTÍLES – *TEXTUAE INSULAE*

Dia 1 de fevereiro de 2020. Lisboa. Os nossos sorrisos refletem a luz do sol, a qual desliza nos nossos rostos, com os nossos dedos entrelaçados.

Entre nós, apenas a distância de chávenas de café quente para nos separar.

Como poderíamos nós saber, naquela altura, no auge da nossa felicidade partilhada, que 46 dias mais tarde estaríamos confinadas nas nossas duas casas? Que seríamos privadas da mera liberdade de tocarmos mutuamente os nossos lábios, privadas do corpo uma da outra, privadas de qualquer horizonte de reunião. Como poderíamos saber, naquela altura, que uma ameaça remota poderia tornar-se nossa, que uma sombra distante poderia tornar-se a nossa? Como poderíamos sequer imaginar que uma ameaça invisível poderia transformar-se em muros invisíveis que nos isolariam? Apartamentos isolados, insulares, flutuando num espaço público cada vez menos tangível. Os espaços privados devoraram tudo. Os espaços isolados e solitários preenchidos com seres isolados, isolados de ti, e tu de mim. Como não nos desligarmos nesta grande dispersão? Como nos mantemos unidos, partilhando o mesmo impulso, partilhando as mesmas vistas, quando restam apenas as paisagens geladas na orla das nossas janelas. Como nos ligamos? Como é que nos atamos/entrelaçamos novamente? Como é que ligamos as nossas insularidades num arquipélago? Como nos tocamos nele?

Março de 2020 – maio de 2020. Paris. 56 dias em quarentena. Contámo-los todos. Não passámos um sem uma palavra partilhada, um pensamento partilhado, uma emoção partilhada. A pouco e pouco, encontrámos formas de nos atarmos, de ligarmos as nossas ilhas, de tocarmos as nossas almas, os nossos corações, os nossos corpos, através do tempo e do espaço. Palpáveis, ilhas palpáveis, ilhas de tato, duas *textae insulae*. Criei uma ilha submersa através de milhares de poemas e cartas, pinturas e desenhos, palavras palavras palavras, versos versos versos, para criar pontes com o desconhecido, o vazio, o inimaginável, a ausência. No oceano turbulento dessas semanas devastadoras, as nossas ilhas de amor e intimidade, magníficas, permanecem.

Lisboa, Portugal | Paris, França | Performance gráfica

**Promotor**

Space Transcribers

**Curadoria e produção**

Daniel Duarte Pereira

Fernando P. Ferreira

**Design gráfico**

Ana Resende

**Revisão português**

Marta Sofia Silva

**Apoio**

Museu Nogueira da Silva

**Impressão**

Gráfica Maiadouro, S.A.

**Participantes**

Albert Brenchat Aguilar

Ana Luiza Addor

Ana Patrícia Gomes

Ana Vieira de Castro

Beatriz de Pinto e Sá

Catarina Freitas

Cláudia Cibrão

Diego Grass

Diogo Ferreira

Elena Mary

Error-43

Federica Pardini

Fernando P. Ferreira

Francisco Varela

Gabriela A. Z.

Gisela Ferreira

Isa Cancela

Izabel Barboni

Jhonny Rezende

Joana Amorim

Konstantina Ntinapogia

Letícia Martins

Lili Schulz

Luís Lima

Maria Blazquez Morales

Maria Santiago

Marie Ségur

Marta Machado

Mónica Faria

Nassandi Ropke

Palmela Romero Wilson

Patrícia Coelho

Patrícia Nogueira

Regner Ramos Ramirez

Ricardo Paulo

Rodrigo Valenzuela Jerez

Sara Fernandes

Silvia Roque

Sophia M. Garner

Tabea K. Marschall

Teresa Ribeiro

Tiago Antero de Sousa



